

Idealizar um mundo novo é o melhor: crônicas utopianas já

Idealizing a new world is the best: utopian chronicles yet

Francisco de Sousa Araújo
PUC-SP

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2024.e98266>

Resumo

Segundo Drummond (2004), a crônica pode ser feita de fatos ou ficções. Este artigo pretende refletir sobre o poder das crônicas (tempo), da conversação (oralidade e escritura) trazendo à luz as utopias entre os sujeitos específicos, o passado e o presente progressista que impedem a realização das utopias na grande literatura e na literatura menor (crônicas, contos, poemas). Então, olharemos com os ouvidos e escutaremos com os olhos à luz de Walter Benjamin e outros sobre o gênero-híbrido crônica, considerando as conexões oralidade e escritura, história e memória. O leitor atento percebe logo que o cronista desenha tudo o que vê, a vida que ninguém enxerga nem valoriza “e narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos e leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história” (Benjamin, 1996, p. 223).

Palavras-chave: Walter Benjamin; crônica; oralidade e escritura; conversação; utopias.

Abstract

According to Drummond (2004), the chronicle can be made up of facts or fiction. This article aims to reflect on the power of chronicles (time), conversation (orality and writing) bringing to light the utopias between specific subjects, the past and the progressive present that prevent the realization of utopias in great literature and in minor literature (chronicles, stories, poems). To do so, we will look with our ears and listen with our eyes in the light of Walter Benjamin and others on the hybrid chronicle genre, considering the connections between orality and writing, history and memory. The attentive reader immediately realizes that the chronicler draws everything he sees, the life that no one sees or values “and narrates the events, without distinguishing between the big and the small, and takes into account the truth that nothing that one day happened can be considered lost to history” (Benjamin, 1996, p. 223).

Keywords: Walter Benjamin; chronicle; orality and writing; conversation; utopias.

Introdução

Este artigo pretende apresentar e analisar brevemente duas crônicas, a saber: *O Ofício do Cronista*, de Machado de Assis (1994) - e *Recordações*, de Antônio Prata (2016), considerando o que há de utopia decolonial que une as duas crônicas de olhar utópico cujos autores são, de alguma forma, considerados mestres utopistas clássicos e contemporâneos capazes de produzir *insights* que ajudam a tecer o hoje e o amanhã transmoderno/decolonial contra o colonialismo que se transfigurou em colonialidade moderna-eurocêntrica-universal.

Walter Benjamin (1996) e Antônio Cândido (1993) serão os principais teóricos sobre o sentido das crônicas e a matriz da conversação utopistas. Walter Mignolo (2017) e Enrique Dussel (2005) serão mobilizados como fundamentos de alguns aspectos da utopia do pensamento decolonial ou do projeto transmoderno e pluriversal de modo assaz ligeiro. A proposta será realizada à luz do *Método Hipotético-Dedutivo* de Aristóteles, a partir de fragmentos das crônicas. Os olhares utópicos decoloniais não se limitam a estes autores.

De fato, são muitos os autores utopistas latino-americanos que dissertam sobre a utopia decolonial, enquanto projeto de sociedade futura e como uma terceira via, que parte de um outro lugar, da exterioridade da modernidade/colonialidade. Por exemplo, Quijano (2010), Ballestrin (2013), Bello (2015), Prado (2021); e, de modo bastante completo, sobre a utopia decolonial na América Latina, nós temos, o livro de Kim Beauchesne; Alessandra Santos: *The Utopian Impulse in Latin America* (2011): o impulso utopista na América Latina.

Dentre o numeroso repertório autoral de olhar utopista que aponta para

a utopia contra colonial em vista de um novo amanhã, é leitura obrigatória a obra: *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação Primitiva* (Federici, 2023). Sobre utopia e descolonização destaca-se *Os condenados da Terra* (Fanon, 2022). Em se tratando da voz-utopia-neocolonial é importante a leitura de *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente* (Said, 2007). Na utopia pós-colonial *Os filhos da meia-noite* são incontornáveis (Rushdie, 2006). Como são diversos os olhares utópicos, temos utopia etno-colonial em *Raízes do amanhã. 8 contos afro-futuristas* (Souza, 2021); utopia afro-futurista com *Parábola do Semeador* (Butler, 2018); utopia indígena através de *A queda do Céu. Palavras de um Xamã Yanomami* (Kopenawa; Albert, 2015), considerado clássico.

Além disso, convém ainda frisar outras obras de igual peso sobre utopia e distopia latino-americanas, como a editada por Peter Marks *et al.* *The Palgrave Handbook of Utopian and Dystopian Literatures* (2022): o manual palgrave de literaturas utópicas e distópicas. E *Utopianism in postcolonial Literature* de Ashcroft (2017): Utopismo nas literaturas pós-coloniais, só para citar alguns. Assim, analisaremos alguns aspectos da utopia decolonial nas crônicas acima à luz da metodologia de revisão do olhar cronístico ou na perspectiva resignificativa.

O primeiro olhar utópico ou distópico ninguém esquece: a crônica-utopia

É olhando com os ouvidos e escutando com os olhos que nascem as crônicas, as utopias contra as distopias, o mundo próximo e distante, e assim enxergaremos “a vida que ninguém vê” (Brum, 2006, p. 10). Conforme Souza (2021), para tecer as raízes do futuro utópico é preciso pensar a *Utopia Etno-Colonial*, ou seja, a visão utópica entre o colonizado e o colonizador a qual favorece um grupo étnico em detrimento de outros, como resultado

das assimetrias de poder colonial. De acordo com (Mignolo, 2017a), vê-se o autorrelato eurocêntrico que concebeu a si mesmo como o centro do mundo, o maior desafio hodierno.

Assim sendo, *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios Sobre Literatura e História da Cultura* de Walter Benjamin (1996) auxilia-nos a viver a crônica-utopia a partir do valor da pequena e da grande história que tecem hoje as raízes do amanhã. Nesse sentido, articularemos o fio condutor entre uma crônica antiga metalinguística de Machado de Assis, *O Ofício do Cronista* (1994), e uma crônica-jornalística contemporânea de Antônio Prata, *Recordações* (2016) à luz do código e do gênero híbrido dos respectivos cronistas utopistas, pois cada um tece o presente com cores utópicas/distópicas e um olhar singular sobre os tempos vindouros, pois depende dessa *visão* para ler e entender.

Para se compreender e vivenciar as crônicas do dia a dia (*kairós*) existencial e as utopias/distopias jornalísticas é preciso pensarmos sobre o narrador/historiador e a cronista/jornalista valorizando a vida coletiva à luz do contexto historiográfico dos teóricos Walter Benjamin (1996) e Antônio Cândido (1993) em sua obra *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Pois eles entendem que a narração-história de cada indivíduo se constrói a cada momento, do instante em que veio à luz e foi inserido no hoje de desafios coloniais infindos e dilemas histórico-sociais que obnublam o presente utópico e seu devir.

Assim, o cotidiano, historicamente, não se inventa diariamente, mas se reinventa diante dos fatores político-ético-sociais, humanísticos, atemporais, econômicos, cronístico-literários, poéticos e históricos, na luta renhida pelo alimento de subsistência e pelos direitos fundamentais que embora garantidos na própria Constituição Brasileira desde 1985, ainda continuam a se digladiar entre matéria e espírito, teoria e prática fictícias.

Dessa forma, Walter Benjamin (1996) e os cronistas indicam que a história e a utopia se atualizam em lutas diárias, na crônica da real periferia existencial, no confronto ativo entre o individual e o coletivo.

Onde estão nossos *Direitos Fundamentais* até os tempos hodiernos, utopicamente realizáveis? A visão utopista neocolonial fragmentou nossos direitos na *Carta Magna* de 1985. Portanto, em tese, os chamados direitos e garantias fundamentais estão diluídos na *Constituição Federal* e os direitos individuais e coletivos (Artigo 5º da CF), todavia, são inócuos.

As bases do gênero da utopia clássica com Thomas More, talentoso filiarca

Segundo Aníbal Quijano (2010), a utopia é algo que procede do *Alto* com *insights* imemoráveis, muito anterior aos primeiros lampejos utópicos que precederam o gênero clássico da *Utopia* de Thomas More (2009), como: *Epopéia do Gilgamesh* (1800 a. Cristo), *A República* de Platão (380 a. Cristo), *Cidade de Deus* (426 d. Cristo) do filósofo-teólogo Santo Agostinho de Hipona. A *Utopia* moriana ajudou a consolidar o gênero clássico da *utopia* e certamente inspirou reformas, revoluções e manifestos influentes utopicamente até hoje.

O olhar detetivesco, sem preconceito colonialista, vê a influência da narração utópica de Thomas More (1478-1535) como antídoto transformador de distopias em utopias, do *não-lugar* em lugar, sonhos em realidade, à luz de pensadores utopistas mundiais, como: Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), Diderot (1713-1784), Gabriel Bonnot de Mably (1709-1785), Thomas Paine (1737-1809), Mary Wollstonecraft (1759-1797), Thomas Jefferson (1843-1826), Saint-Simon (1760-1825), Robert Owen (1771-1858), Charles Fourier (1772-1837), Proudhon (1809-1865),

Bakunin (1814-1876), Karl Marx (1818-1883), só para citar alguns que idealizaram o estado-maior informal e uma morada da igualdade e da felicidade na Terra.

Para emergirmos no utopismo e criarmos nossas próprias utopias diárias, convém perceber a criatividade etimológica dos termos que compõem a palavra “utopia” e a espiritualidade que daí advém por si. Thomas More aglutinou duas palavras gregas: *ου* (não) e *τοπος* (lugar). À luz de Kim Beauchesne (2011), utopia consiste em um lugar utópico, a realidade ideal por vir, aquilo que é melhor do que o atual: o lugar de felicidade perfeita. Utopia é um gênero literário crítico contra a organização política atual e à sociedade colonial.

Assim sendo, Portela (1958) indica a leitura completa da *Utopia* de Thomas More (1516), para assimilar suas inspirações utopistas e a subsistência durante o governo monárquico opressor que o obrigou a viver sob jugo do regime totalitário britânico no qual ele sonha a sociedade utópica por vir em que toda a humanidade será igualitária e feliz. Urge dizer que as utopias acontecem e transformam a realidade distópica em dias melhores.

À força de se instruir e adquirir ideias o homem acaba por descobrir a ideia da ciência, quer dizer, a ideia de um sistema de conhecimento conforme à realidade das coisas e deduzida da observação. Procura então a ciência ou o sistema dos corpos brutos, o sistema dos corpos organizados, o sistema do mundo: como não procurar também o sistema de sociedade? (Proudhon, 1971, p. 238).

Ainda assim, convém dizer que a diferença formal entre uma obra filosófica ou filosofia político-moral e outra utópica está na forma de exposição do pensamento. O escritor utopista, em vez de trabalhar conceitos e argumentos, expõe seus conceitos e ideias de forma pragmática, ou seja, aplicando-os à realidade concreta, ao dia a dia. Por isso, More (1516), em *Utopia*, concebe a Ilha-Reino aludindo às narrativas à América, revelando

que é possível aplicá-la a uma sociedade sem bens privados e sem intolerância religiosa.

Todos seriam guiados pela razão diante da conduta social em vez de serem guiados pelo absolutismo real ou pelo autoritarismo monárquico, conforme era o contexto político absolutista da Inglaterra do Século XVI sob a figura histriônica de Henrique VIII, chefe de Estado que tentou anular o matrimônio católico sem o menor indício de nulidade e assassinou várias esposas que não lhe deram um filho homem para sucessor. O humanista Thomas More pôde falar acerca tais coisas, pois foi o chanceler do Rei Henrique VIII.

Neste sentido, depreende-se que viver sem utopismo é o mesmo que uma vida de elogio à loucura, enquanto que ter utopias ou ser utópico é uma batalha pelo bem comum, um dos pontos principais da clássica *Utopia* de Thomas More (1516), que o torna um filiarca do Universo, ou seja, não apenas um ancião experiente, um idoso superintendente, mas alguém que mais ama como o *Discípulo Amado*. O verdadeiro utopista apregoa e prefere sempre a divisão de bens porque é cômico de que a concentração de riquezas nas mãos de alguns nunca garantiu a abundância e a equidade social para ninguém no decurso da história.

O pensador utopista é convencido de que o melhor caminho é a distribuição segundo os critérios da equidade e do bem comum, pois, do contrário, em grande parte da humanidade haverá sempre um fardo angustiante e inelutável, sobretudo, sobre os empobrecidos. Ora, pelo trabalho coletivo, ninguém trabalha para outra pessoa, mas apenas para si mesmo, para suas necessidades e para garantir o bem geral, e caso haja produção em excesso (*superavit* primário) para o consumo, serão reduzidas as horas de trabalho ao mínimo.

Tal é a teoria dos Utopianos acerca da virtude e do prazer. Pensam que a razão humana não pode conceber teoria mais perfeita, a menos que uma revelação divina, caída dos Céus, seja inspirada ao homem. Se a sua moral é boa ou má, nem o tempo no-lo [nos] permite discutir, nem o âmbito da nossa conversa abrange tal coisa, pois decidimos descrever os seus costumes e instituições e não fazer a sua apologia. Mas numa coisa acredito firmemente: sejam as suas leis boas ou más, o certo é que em parte alguma encontrei povo mais feliz e uma comunidade mais florescente. Os Utopianos são ágeis e rápidos, cheios de atividade e mais vigorosos do que se poderia julgar pela sua estatura, que não é muito pequena. Embora o solo da ilha não seja muito fértil, nem a atmosfera muito pura, combatem-na com uma alimentação cuidada e sóbria, corrigindo o solo com um trabalho diligente e uma cultura apropriada, de modo que em nenhum outro país se veem colheitas mais abundantes, gado mais bem tratado, nem maior duração da vida humana, atacada por um número menor de doenças, além do mais, pouco frequente. [...]. O povo é amável, alegre, espirituoso, aprecia a ociosidade, embora, quando seja necessário, se entrega ao trabalho, não se sentem muito desejosos de o fazer, não se cansando nunca, no entanto, do exercício e desenvolvimento do espírito (More, 2009, p. 82-83).

Crônicas utopistas e a pauta escura da modernidade: a colonialidade

Não trataremos exclusivamente das pautas decolonialidade/transmodernidade *versus* colonialidade/modernidade, mas de modo ligeiro, na esteira dos *insights* utopistas das crônicas, aventaremos alguma relação sobre a possibilidade de mudar o *status quo* distópico e dar significado ao presente semeando as raízes do amanhã. Portanto, diante dessa sinfonia de vozes, visões e sonhos utopistas contemplaremos a história inacabada que tem o dever moral de ser continuada pelo utópico narrador do presente. O gênero crônica é ideal para o objetivo utopista, porque privilegia a coletividade e a proximidade da periferia existencial.

O que seria a pauta oculta da modernidade? – era a questão intrigante. [...] Para [Stephen] Toulmin, a pauta oculta da modernidade era o rio humanístico correndo por trás da razão instrumental. Para mim, a pauta oculta (e o lado mais escuro) da modernidade era a colonialidade. [...] A tese básica – no universo específico do discurso tal como foi especificado – é a seguinte: a “modernidade” é uma narrativa complexa, cujo ponto de origem foi a Europa, uma narrativa que constrói a civilização ocidental ao celebrar as suas conquistas enquanto esconde, ao mesmo tempo, o seu lado mais escuro, a “colonialidade”. A colonialidade, em outras palavras, é constitutiva da modernidade – não há modernidade sem colonialidade. [...]. No entanto, “a consciência e o conceito de descolonização”, como terceira opção ao capitalismo e ao comunismo, se materializaram nas conferências de Bandung [Indonésia] e dos países não alinhados (Mignolo, 2010, p. 1-2).

Imergindo nas crônicas: *O Ofício do Cronista* (Assis, 1994) e *Recordações* (Prata, 2016) percebe-se a evocação do narrador-sedentário e do narrador-marinheiro de Walter Benjamin (1996), que extraem da objetividade trivial a densa subjetividade do ser humano, através de pessoas utopistas comuns que se divertem, chamam-nos à reflexão e lançam *anônimos na história* sem ter um centavo nem qualquer mistério do além, através de utópicas crônicas.

Antes que você vire a página, ocorre dizer com plena clareza que a crônica quer utópica, quer distópica, nunca foi nem será um *folhetim* de relatos chistosos da vida privada, mas, conforme Benjamin (2007), são histórias coletivas lançadas para questionar o historicismo e o verdadeiro jornalismo: a vida heroica contra as celebridades forjadas pelo viés mercadológico; a memória do ontem contra o historicismo neoliberal que não passa de mito vendável contra a história factual e as bases do dia a dia da pessoa real e utópica: nós!

A crônica é um meio utópico para semear utopias contra distopias do *Biopoder*, da *Biopolítica* (Agamben, 2002) e do *Estado de Exceção* (Agamben, 2004), pois a arte do cronista tem como pretensão contar histórias, trazendo

o utopismo diário como instantes fotográficos que levam a sermos sujeitos coletivos revelados à sociedade da grande literatura que insiste em não nos ver. Usemos as lentes da utopia benjaminiana que prefere o narrador utópico ao historiador e narremos as diversas facetas do nosso dia, que irão revelar os passos futuros para lançarmos, hoje, as raízes do amanhã de paz, fraternidade e perfeita felicidade, pois a própria *Carta Magna Brasileira* que, em tese, diz: “todos são iguais perante a Lei” (CF, artigo 5º, p. 11, 2016), é dependente do juízo superior dos mais iguais: “Ali Babá e os 418!”

Por um olhar utopista, julgar e agir idealizando as raízes do amanhã

A princípio, teremos um olhar panorâmico sobre o gênero crônica à luz de conceitos teóricos respeitantes à própria definição sob o viés do historicismo metodológico e mercadológico. Depois, faremos a leitura utopista da primeira crônica *Recordações* de Antônio Prata (2016). Por fim, inocularemos a crônica *O Ofício do Cronista*, de Machado de Assis (1994) escrita, originalmente, em 1878, que nos apresenta vívidos aspectos utópicos atemporais.

Por si só, o gênero crônica é utopista. “O cronista que narra profusamente os acontecimentos, sem distinguir grandes e pequenos, leva com isso a verdade de que nada do que alguma vez aconteceu pode ser dado por perdido para a história” (Benjamin, 2007, p. 20). O fragmento acima benjaminiano é o principal fundamento teórico sobre o gênero crônica o qual é tempo, narração curta e leve, com objetivo certo (Benjamin, 2007). Seu gênero é *menor*, mas com dignidade, uma literatura utópica de conversação (Cândido, 1993), uma fonte de inspiração à literatura, aos periódicos, jornais e *mass media* de caráter utopista.

A crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Premio (*sic*) Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. “Graças a Deus”, seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. [...] Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade [do coletivo-utopista] de todo dia (Cândido, 1992, p. 13).

Chamamos “a essas páginas de Crônica, porque seu conteúdo [...] assemelha-se àqueles ingênuos antigos registros que narramos a acontecimentos do passado, presente e futuro numa sequência multicolor” (Raabe, 1997, p. 9). Em *A vida que ninguém vê* (2006), Eliane Brum concebe a crônica de modo tão breve e essencialmente utopista como o olhar redentor em que o mundo seria salvo todos os dias por pequenos gestos diminutos e invisíveis. Assim o mundo é salvo pelo avesso da importância, pelo antônimo da evidência. O mundo é salvo por um olhar (Brum, 2006). Ainda em seu livro de crônicas *A vida que ninguém vê* (2006), Eliane conta *História de um olhar* cujo protagonista é um rapaz vagante da Vila Kephass em Novo Hamburgo. Temos aqui um trágico autorretrato (*selfie*) da distopia. Não é ficção, nem metaficção: o personagem é real. A crônica olhou nos olhos da distopia. Eis o jovem Israel.

Imundo, meio abilolado, malcheiroso, Israel vivia atirado num canto ou noutro da vila. Filho de pai pedreiro e mãe morta, vivia em uma casa cheia de fome com a madrasta e uma irmã doente. Desregulado das ideias, segundo o senso comum. Nascido prematuro, mas sem dinheiro para diagnóstico. Escorraçado como cão, torturado pelos garotos maus. Amarrado, quase violado. Israel era cuspidor. Era apedrejado: era a escória da escória (Brum, 2006, p. 12).

Neste sentido, diremos que a crônica utópica acolhe e dá voz a quem quer que seja, sem preconceitos, fronteiras ou silêncio colonialista sobre pessoas anônimas da história e da vida comum, transformando nossos sonhos utópicos em uma utopia comum, consoante a história real vista acima, de Israel. Este fato é admirável pela composição da narrativa preñhe de oralidade e historiografia daqueles que são tradicionalmente invisíveis ao colonialismo. Utopicamente falando, o olhar utopista resgata sujeitos excluídos pela modernidade colonial.

A vocação da crônica: instrumento utópico-pluriversal do amanhã

Vejamos, agora, uma crônica urbana historicista-utopista do cronista Antônio Prata (2016). Como de praxe, as crônicas de Antônio Prata são um contraponto utópico àquilo que o mundo chama de “jornalismo padrão”, isto é, o roteiro superficial da pauta obscura inclinada aos “grandes” acontecimentos mercadológicos ou eventos que envolvem a vida de celebridades políticas e econômicas forjadas pela publicidade do consumo eurocentrado.

Ao projetar seu olhar utopista sobre o falido historicismo, Prata (2016) foge à colonialidade/modernidade que marginaliza e, através da crônica jornalística, resgata a vida abandonada ou atrofiada pelas experiências distópicas de cada dia, indiciando a própria tacanhez de espírito frio do jornalismo e da grande literatura instrumentos mantenedores da colonialidade. As diversas tensões da crônica seguinte são a matriz da conversação utópica. Dessa forma, perceberemos que sua crônica abraça o livro e o jornalismo utopistas. Eis a crônica *Recordações* completa, para que seus leitores absorvam em si os *insights* da utopia.

[Não faz sentido, pra que que a pessoa quer gravar as coisas que não são da vida dela e as coisas que são, não?] “Hoje a gente ia fazer 25 anos de casado”, ele disse, me olhando pelo retrovisor. Fiquei sem reação: tinha pegado o táxi na Nove de Julho, o trânsito estava ruim, levamos meia hora para percorrer a Faria Lima e chegar à rua dos Pinheiros, tudo no mais asséptico silêncio, aí, então, ele me encara pelo espelhinho e, como se fosse a continuação de uma longa conversa, solta essa: “Hoje a gente ia fazer 25 anos de casado”. Meu espanto, contudo, não durou muito, pois ele logo emendou: “Nunca vou esquecer: 1º de junho de 1988. A gente se conheceu num barzinho, lá em Santos, e dali pra frente nunca ficou um dia sem se falar! Até que cinco anos atrás... Fazer o que, né? Se Deus quis assim...”. Houve um breve silêncio, enquanto ultrapassávamos um caminhão de lixo e consegui encaixar um “Sinto muito”. “Obrigado. No começo foi complicado, agora tô me acostumando. Mas sabe que que é mais difícil? Não ter foto dela.” “Cê não tem nenhuma?” “Não, tenho foto, sim, eu até fiz um álbum, mas não tem foto dela fazendo as coisas dela, entendeu? Que nem: tem ela no casamento da nossa mais velha, toda arrumada. Mas ela não era daquele jeito, com penteado, com vestido. Sabe o jeito que eu mais lembro dela? De avental. Só que toda vez que tinha almoço lá em casa, festa e alguém aparecia com uma câmera na cozinha, ela tirava correndo o avental, ia arrumar o cabelo, até ficar de um jeito que não era ela. Tenho pensado muito nisso aí, das fotos, falo com os passageiros e tal e descobri que é assim, é do ser humano, mesmo. A pessoa, olha só, a pessoa trabalha todo dia numa firma, vamos dizer, todo dia ela vai lá e nunca tira uma foto da portaria, do bebedor, do banheiro, desses lugares que ela fica o tempo inteiro. Aí, num fim de semana ela vai pra uma praia qualquer, leva a câmera, o celular e tchuf, tchuf, tchuf. Não faz sentido, pra que que a pessoa quer gravar as coisas que não são da vida dela e as coisas que são, não? Tá acompanhando? Não tenho uma foto da minha esposa no sofá, assistindo novela, mas tem uma dela no jet ski do meu cunhado, lá na Guarapiranga. Entro aqui na Joaquim?” “Isso.” Ano passado me deu uma agonia, uma saudade, peguei o álbum, só tinha aqueles retratos de casório, de viagem, do jet ski, sabe o que eu fiz? Fui pra Santos. Sei lá, quis voltar naquele bar.” “E aí?!” “Aí que o bar tinha fechado em 94, mas o proprietário, um senhor de idade, ainda morava no imóvel. Eu expliquei a minha história, ele falou: ‘Entra’. Foi lá num armário, trouxe uma caixa de sapatos e disse: ‘É tudo foto do bar, pode escolher uma, leva de recordação’. Paramos num farol. Ele tirou a carteira do bolso, pegou a foto e me deu: umas 50 pessoas pelas mesas, mais umas tantas no balcão. “Olha a data aí no cantinho, embaixo.” “1º de junho de 1988?” “Pois é. Quando eu peguei essa foto e vi a data, nem acreditei, corri o olho pelas mesas, vendo se achava nós aí no meio, mas não. Todo dia eu olho essa foto e fico danado, pensando: será que a gente ainda vai chegar ou será que a gente já foi embora? Vou morrer com essa dúvida. De qualquer forma, taí

o testemunho: foi nesse lugar, nesse dia, tá fazendo 25 anos, hoje. Ali do lado da banca, tá bom pra você?” (Prata, 2016, p. 12-14).

Esta é, em essência, a vocação da crônica: escutar e dar voz à linguagem que vem de fora ou de dentro das utopias que abrem mão do lado do poder, do que ele diz ou faz dizer. À medida que reconstrói a memória de um mundo sem memória, resgata a glória anônima de personalidades utópicas que nunca apareceriam nas páginas das manchetes da grande imprensa. “Convém lembrar que a crônica é um gênero literário que sai do jornal. Mais: é uma entidade que tem como principal problema, para se transformar num gênero literário propriamente dito, libertar-se de suas limitações jornalísticas” (Portela, 1958, p. 114).

Considerando o essencial, importa recordar sumariamente que a crônica é um gênero literário que mescla elementos de narração, de observação e reflexão utopistas sobre eventos cotidianos e seu devir. Por isso, a crônica é escrita de maneira mais informal e coletiva, na qual o autor pode compartilhar suas próprias experiências e pensamentos utopistas. Quanto à relação da crônica com a matriz da conversação utópica é sua estrutura básica conversacional, incluindo olhares utópicos que favorecem a coletividade, como turnos de fala, perguntas e respostas, comentários livres, entre outros. A matriz da conversação utopista é a *alma mater* a sustentar a crônica *Recordações*, como enfatizaremos em forma de paráfrase.

Portanto, antes de parafrasear abaixo *Recordações* (Prata, 2016) destacando elementos utopistas e contrários à colonialidade/modernidade, importa definir os dois termos principais – utopia e colonialidade – a fim de evitar ambiguidades. As paráfrases que se seguirão depois de tais considerações serão cursivas e sucintas. Por isso convém dissertar agora alguns aspectos característicos acerca do conceito de utopias e de colonialidades.

Nesse sentido, a utopia, classicamente atribuída a Thomas More pela sua obra homônima *Utopia* (More, 2009), é um termo que descreve uma sociedade imaginária ideal, frequentemente contrastada com as deficiências do mundo real distópico que ainda não se libertou completamente da tirania colonial que impede o advento decolonial. A utopia é um conceito que inspirou vários pensadores ao longo dos séculos, inclusive as crônicas de Prata.

Quanto ao termo colonialidade, como uma extensão do colonialismo eurocêntrico, é configurado e desenvolvido de modo geral por pensadores e escritores da América Latina, como: Enrique Dussel (2005), Aníbal Quijano (2010), Walter Mignolo (2017b), só para citar os mais renomados. Colonialidade descreve a persistência das estruturas coloniais além do Período Colonial direto, referindo-se aos sistemas de poder, controle e hierarquia que ainda moldam as nossas relações sociais, políticas e econômicas em contextos pós-coloniais.

Brevíssima paráfrase e análise sobre a crônica *Recordações* sob a lente utopista

A crônica *Recordações* de Antônio Prata (2016) pode ser considerada uma utopia por vários motivos, especialmente na forma como aborda a memória, a identidade e a percepção do passado. A utopia, aqui, não se trata rigorosamente de um lugar ou situação idealizada, mas sim de uma busca por algo perdido ou irreconhecível na realidade atual. Vamos explorar a questão sob cinco exemplos com elementos de uma utopia decolonial na crônica de Prata.

Antes, porém, teceremos uma consideração necessária. No intuito de dirimir certas dúvidas terminológicas, esclarecemos que utopia se refere à

ideia de uma sociedade ideal, um sonho que pode ser realizado ou não, de uma esperança; utópico descreve algo relacionado a essa ideia ou sonho, com projetos idealistas, visões ou *insights*; e utopismo é o movimento teórico ou prático, a crença e a confiança na realização dessas ideias utópicas, a fonte criadora de novas utopias. Portanto, esses termos são distintos em seus significados no universo semântico, no entanto, eles estão sempre conectados conceitualmente no universo relacional. Na verdade, não são conceitos puramente abstratos, pois são vividos por todos os utopistas.

Eis, agora, alguns indícios de elementos de utopia decolonial na crônica *Recordações* de Antônio Prata (2016), de modo indireto.

1) *Desconstrução da Memória Oficial*. Antônio Prata questiona a validade e a verdade por trás das memórias idealizadas e registradas, como fotografias de eventos especiais, contrastando com a ausência de registros cotidianos que verdadeiramente definem uma pessoa, dizendo: “Não tenho uma foto da minha esposa no sofá, assistindo novela, mas tem uma dela no jet ski do meu cunhado...” (Prata, 2016, p. 13).

2) *Identidade e autenticidade cultural*. O protagonista expressa um desejo, um sonho de capturar a verdadeira essência de sua esposa através de fatos que refletem quem ela era no dia a dia, não apenas em momentos de celebração, dizendo: “Não tenho foto, sim, eu até fiz um álbum, mas não tem foto dela fazendo as coisas dela, entendeu?” (Prata, 2016, p. 12).

3) *Subversão da narrativa dominante*. Ao enfatizar a importância das pequenas coisas e momentos comuns, Prata desafia a ideia de um único padrão imposto em que apenas os eventos especiais eurocêtricos mereceriam ser lembrados e registrados, dizendo: “Peguei o álbum, só tinha aqueles retratos de casório, de viagem, do jet ski...” (Prata, 2016, p. 13).

4) *Resgate da História pessoal*. É o ponto mais decolonial. A jornada do

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

protagonista de volta ao bar onde conheceu sua esposa é um ato de reconexão com as raízes e tentativa de recuperar um passado de embriaguez que parece ter se perdido no recôndito de seu ser, em virtude do contexto colonial, mas resiste à colonialidade do saber e do poder, dizendo: “Fui pra Santos. Sei lá, quis voltar naquele bar onde a gente se conheceu” (Prata, 2016, p. 13).

5) *Reflexão sobre pertencimento e identidade cultural*. A crônica de modo geral provoca uma reflexão interior sobre como as experiências cotidianas e locais são essenciais à formação da identidade pessoal e coletiva, o que indica a essência da utopia decolonial, dizendo: “Todo dia eu olho essa foto e fico danado, pensando: será que a gente ainda vai chegar ou será que a gente já foi embora?” (Prata, 2016, p. 13). Seu utopismo consolidara o ideal de novo mundo.

Esse olhar ligeiro não pretende criar novas teses utopistas nem provar toda a teoria e práticas decoloniais expressas em *Utopianism in Postcolonial Literatures* de Bill Ashcroft (2017), contudo através dos fragmentos supracitados apenas aponta como a utopia pode plantar raízes de um novo amanhã até mesmo na simples leitura de uma crônica jornalística, como ilustra *Recordações* de Antônio Prata, a qual aparentemente inócua, é intrinsecamente utopista.

O olhar atento do utopista vê que ele aborda a memória adormecida não como algo estático, puramente estético ou linear, mas como um campo vívido de possibilidades em que diferentes narrativas concorrem e se entrelaçam no utopismo. A utopia decolonial está incrustada no tentar resgatar o que fora perdido ou esquecido, em valorizar o *kairós* e na celebração de experiências que afirmam a identidade cultural e pessoal autênticas.

Crônica completa *O Ofício do Cronista* machadiano à luz do utopismo

Hoje, sim; posso pôr as manguinhas de fora. Sendo positivo que nenhum cidadão correto almoça agora como nos demais dias, conto não ser lido com o repouso do costume. Na verdade, mal se pode crer que o leitor tenha tempo de tomar o seu banho frio, beber às pressas dois goles de café, enfiar a sobrecasaca, meditar a sua chapa de eleitores, e encaminhar-se às reuniões. Pode ser que leia antes, às carreiras, o jornal que lhe for mais simpático; mas, uma vez feita essa oração mental, nenhuma obrigação mais o mantém fora da arena, onde os partidos vão pleitear amanhã a palma do triunfo. Que monta uma página de crônica, no meio das preocupações de momento? Que valor poderia ter um minuetto no meio de uma batalha, ou uma estrofe de florian entre dois cantos da ilíada? Evidentemente nenhum. Consolemo-nos; é isto mesmo a vida de uma cidade, ora tétrica, ora frívola, hoje lúgubre, amanhã jovial, quando não é todas as coisas juntas. Sobretudo, aproveitemos a ocasião, que é única; deixemos hoje as unturas do estilo; demos a engomar os punhos literários; falemos à fresca, de paletó branco e chinelas de tapete. Que ele há de levar umas férias para nós outros, beneditinos de história mínima e cavouqueiros da expressão oportuna. Vivamos seis dias a espreitar os sucessos da rua, a ouvir e palpar o sentimento da cidade, para os denunciar, aplaudir ou patear, conforme o nosso humor ou a nossa opinião, e quando nos sentarmos a escrever estas folhas volantes, não o fazemos sem a certeza (ou a esperança) de que há muitos olhos em cima de nós. Cumpre ter ideias em primeiro lugar; em segundo lugar expô-las com acerto; vesti-las, ordená-las, a apresentá-las à expectativa pública. A observação há de ser exata, afacécia pertinente e leve; uns tons mais carrancudos, de longe em longe; uma mistura de Geronte e de Scapin, um guisado de moral doméstica e solturas da Rua do Ouvidor...” (Assis, 1994, p. 30-31).

Brevíssima análise poético-utopista sobre a crônica machadiana *O Ofício do Cronista*

As crônicas indicam que dentro e fora da ficção é possível resgatar o passado, questionar o presente e construir futuros utópicos. Dessa forma, tecemos o hoje e edificamos o amanhã ideal e perfeito. Hodiernamente,

estamos reféns da utopia colonialista, todavia não será eviterno seu *status quo* que nos privou da liberdade coletiva, da equidade, da isonomia e do direito de ampla defesa utopista, impedindo-nos de sonhar e idealizar o mundo por vir. Utopizando noções de futuro próximo e longínquo, as crônicas são raízes do amanhã e oferecem reflexos e reflexões do hoje, do espaço e não-espaço, do lugar e não-lugar a trilhar.

O cronista Machado de Assis nunca escondeu seu lado utopista. Ele inicia a crônica contextualizando o momento em que está sendo escrita cercada de utopias e distopias mediante cursiva referência ao cotidiano dos leitores qual mestre que se assenta na cátedra da utopia e leciona. Ele faz da agitação e do momento político (distopias) sua utopia e propõe, à moda clássica do seu tempo (1878), soluções via ofício de cronistas. E começa sua utopia: “Hoje, sim; posso pôr as manguinhas de fora. Sendo positivo que nenhum cidadão correto almoça agora como nos demais dias, conto não ser lido com o repouso do costume” (Assis, 1994, p. 30). Assim faremos brevíssima paráfrase com cinco exemplos, considerando a utopia decolonial, à luz de Beauchesne e Santos (2011) em *The Utopian Impulse in Latin America*, que de *per se*, é completo manual de vigoroso utopismo.

A obra de Beauchesne e Santos não é apenas uma prolongada paráfrase dos antecessores, mas sim um volume genuíno que trata ampla e profundamente do conceito de utopia na América Latina, a começar dos seus princípios e mediante textos antigos/clássicos basilares de toda a história da utopia e do utopismo do Novo Mundo, até a recente produção cultural sobre o devir pluriversal, a sociedade transmoderna e a decolonialidade global.

Portanto, tornou-se leitura indispensável pela sua forma e conteúdo, originalidade e diversidade de abordagens, que capacitam e depõem o conceito estático e estético de utopia da colonialidade. Sua autenticidade

não esconde períodos de desencantos utopistas, os quais jamais significaram o fim do pensamento utópico, mas, ao contrário, o acrisolamento foi profícuo à ressignificação da utopia dando novo impulso mundial diante do caos global e do desengano das utopias colonialistas eurocentradas que provocaram a utopia decolonial atual.

Nesse sentido, assessorado por substancial obra, eis a paráfrase analítica da crônica *O Ofício do Cronista*, de Machado de Assis, escrita em 1878, por meio de cinco exemplos. Essa crônica machadiana pode ser considerada, *lato sensu*, uma utopia porque idealiza um papel para o cronista que, na prática, é difícil de ser alcançado até nossos dias. O escritor Machado de Assis descreve o cronista como alguém que observa a cidade, seus eventos e sentimentos, e os traduz de maneira precisa, resiliente e impactante aos leitores. Essa idealização inclui elementos que, à luz da perspectiva decolonial, podem ser interpretados como a tentativa de subverter o *status quo* e oferecer uma visão alternativa ou terceira via à realidade sociocultural.

1) *Elementos da utopia decolonial na crônica de Machado de Assis: crítica à superficialidade da vida urbana.* O utopista Machado de Assis ironiza a agitação frenético-capitalista da vida urbana, alternando entre estados de melancolia e frivolidade, como uma crítica à superficialidade das relações socioculturais e político-coloniais à época e do presente. Por isso, ele utopiza: “Consolemo-nos; é isto mesmo a vida de uma cidade, ora tétrica, ora frívola, hoje lúgubre, a manhã jovial, quando não é todas as coisas juntas” (Assis, 1994, p. 30).

2) *Desmistificação do papel do cronista.* Ele questiona utopicamente a relevância da crônica frente aos grandes eventos político-literários, sugerindo que o trabalho do cronista pode ser visto como trivial, ele diz: “Que monta uma página de crônica, no meio das preocupações de momento? Que valor poderia ter um minuete no meio de uma batalha, ou uma estrofe de Florian

[Floriano] entre dois cantos da Ilíada? Evidentemente nenhum” (Assis, 1994, p. 30).

Essas considerações *graciosas* da crônica metalinguística são simultaneamente metaliterárias, de modo que, inobstante o estilo suave ironia (*ridendo castigat mores*), Machado de Assis é, ao mesmo tempo, autor e protagonista decolonial da crônica, *O Ofício do Cronista*. E, desse modo, critica a utopia colonial e tece raízes do amanhã, ironicamente, do princípio ao fim. Cabe ao utopista indicá-lo, convencer e persuadir os leitores/ouvintes de que não se trata de uma leitura meramente textual, pois o estiloso Machado de Assis é crítico decolonial.

3) *Ironia e subversão na narrativa*. Esse aspecto é mais acessível mesmo ao utopista de primeira hora. Na verdade, a utilização da ironia em toda a sua fortuna crítica por Machado de Assis um afro-brasileiro obrigado a assinar como homem branco europeizado, pode ser vista pelos escritores latino-americanos como viés decolonial, pois desafia narrativas dominantes e oferece perspectiva crítica da sociedade, ao sugerir: “Vivamos seis dias a espreitar os sucessos da rua, a ouvir e palpar o sentimento da cidade, para os denunciar, aplaudir ou patear, conforme o nosso humor ou a nossa opinião [...]” (Assis, 1994, p. 31).

4) *Exploração da pluralidade de vozes*. De modo pluriversal e transmoderno, o escritor afro-brasileiro machadiano ergue-se discretamente em prol da utopia decolonial ao mencionar a diversidade de opiniões, de vozes e coletividade como perspectivas que o cronista deve considerar em seu ofício. De forma assaz sutil, Machado de Assis abre espaço para uma crônica coletiva que não seja monolítica, colonial, eurocentrada, mas que, de fato e ficcionalmente, reflita a multiplicidade de experiências, de vozes e de sonhos utopistas na cidade, ao dizer “[...] conforme o nosso humor ou a nossa opinião [...]” (Assis, 1994, p. 31).

5) *Estilo literário distinto e autêntico com suas raízes ancestrais*. Há muito a se dizer sobre a fortuna crítica machadiana, mas essa verdade intitlada dispensa considerações e divagações outras acerca da crônica *O Ofício do Cronista* pré-abolicionista (1994). A forma como Machado de Assis descreve a crônica, misturando elementos críticos suaves com críticas sociais aprofundadas e sutis, é um exemplo de como ele tenta transcender o colonialismo imperialista do seu tempo e transgredir as convenções literárias europeias à época marcada pela escravidão e colonização, sugerindo novas possibilidades de pensar, sonhar e confiar em um futuro promissor, livre e de plena felicidade global sob a expressão político-cultural: “A observação há de ser exata, afacécia [sem zombaria] pertinente e leve; uns tons mais carrancudos, de longe em longe; uma mistura de Geronte e de Scapin” (Assis, 1994, p. 31).

Esses são apenas lampejos ligeiros sobre elementos clássicos decoloniais na crônica *O Ofício do cronista* que se impõe como ensaio atemporal utopista. Ele não apenas reflete seu contexto específico de cronista, mas também aponta para a visão utópica universal que de alguma forma inspira a utopia decolonial, desafiando e subvertendo estruturas dominantes.

Considerações finais

Conforme o utopista Waldson Souza (2021), as raízes do amanhã são plantadas hoje e são o princípio de novas utopias via crônicas e contos decoloniais, sejam eles antigos ou novos. Aqui, nasce o olhar utopista, a mudança de mentalidade que leva ao idealismo utópico de um mundo perfeito e comunal. A crônica é um utopismo coletivo o qual tem significado: a vida é um ato plural; a crônica tem muitas notas e vozes até do *outro mundo*, do não-lugar utopiano. A Terra não é direito privado e absolutista, nem exclusividade de alguns: é utópica e se move pelas utopias e distopias, sem

priorizar grandes fatos, como faz a literatura colonial.

“Descobri que, atrás de muitas notícias, ou nas entrelinhas destas, há uma história [*Utopia*] esperando para ser contada, história essa que pode ser extremamente reveladora da condição humana [...]; são histórias que esqueceram de acontecer” (Scliar, 2009, p. 11). Essa é uma indicação de que devemos refletir com olhos utopistas e decolonialistas sobre o nosso papel e o da crônica na literatura e no jornalismo, e não apenas repetirmos análises de autores eurocêntrico-colonialistas cuja religião é o capitalismo e as validações teóricas são suspeitas, pois favorecem apenas o gênero colonialista e repelem o gênero híbrido da utopia decolonial.

Repensando as crônicas de Machado de Assis e Antônio Prata à luz do utopismo de um *mundo maravilhoso*, no sentido pleno da palavra, e contra a utopia da alienação e da visão apocalíptica, temos um *insight* valioso para fortalecer a matriz da conversação utópica e um olhar questionador: “o que desejamos ou que preferíamos? A vida como ela é ou como deveria ser?” Partindo desse utopismo, semeia-se o grão da utopia em favor da literatura e da pedagogia menores motivadas por olhos que convergem à educação utopista e coletiva do povo, a partir de mestres utopistas que idealizam e sonham o mundo novo (Prado, 2021).

Semeemos a utopia transmoderna contra as distopias opressoras e as utopias colonialistas: ópio da desigualdade, das guerras e da angústia universal. A matriz da conversão literária deve ser utópica. Nesse sentido, é preciso ressignificar a definição de literatura como interações entre literatura e a vida coletiva ordinária, ampliando horizontes utopistas no corredor peripatético colonialista-moderno, tecendo hoje as raízes do novo amanhã.

Conforme Beauchesne (2011), este ser tão incipiente chamado utopia nasce não apenas à luz do passado, mas, sobretudo, do futuro ativo. Do contrário, não haverá outra travessia (Foucault, 1992). Os utopistas,

particularmente, os elencados na introdução deste artigo e citados no interior da pesquisa, insistem que as raízes do amanhã são plantadas já, pois o mais perverso legado da modernidade colonialista é a escória de um presente eurocêntrico-capitalista – qual pedra no meio do caminho – que obnubila e dificulta sonhar, idealizar e *utopizar* um projeto de futuro ideal que seja coletivo, universal e transmoderno.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. Trad. de Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o Poder Soberano e Vida Nua*. Trad. de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *De notícias e não-notícias faz-se a crônica*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ASHCROFT, Bill. *Utopianism in postcolonial literatures*. London: Routledge, 2017.

ASSIS, Machado de. *Crônicas escolhidas de Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1994.

BALLESTRIN, Luciana Maria de Aragão. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, v. 2, p. 89-117, 2013.

BEAUCHESNE, Kim; SANTOS, Alessandra. *The Utopian Impulse in Latin America*. New York: Palgrave MacMillan, 2011.

BELLO, Enzo. O pensamento descolonial e o modelo de cidadania do novo constitucionalismo latino-americano. *RECHTD - Revista de Estudos Constitucionais, Hermenêutica e Teoria do Direito*, São Leopoldo, v. 7, p. 49-61, 2015.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BRUM, Eliane. *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

BUTLER, Octavia. *Parábola do Semeador*. Trad. Carolina Caires Coelho. São Paulo: Editora Morro Branco, 2018.

CÂNDIDO, Antônio. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. São Paulo: Editora UNICAMP, 1993.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Brasília: Edição Senado, 2016.

DUSSEL, Enrique. “Europa, modernidade e eurocentrismo”. In: Lander, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americana*. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 55-70.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Trad. Regina Salgado Campos. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FEDERICI, Sílvia. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação Primitiva*. São Paulo: Elefante Editora, 2023.

FOUCAULT, Michel. “A vida dos homens infames”. In: *O que é um autor?* Lisboa: Veja! Passagens, 1992.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do Céu*. Palavras de um Xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MARKS, Peter et al. *The Palgrave handbook of utopian and dystopian literatures*. New York: Palgrave MacMillan, 2022.

MIGNOLO, Walter. *Colonialidade o lado mais escuro da modernidade*. 2010. Trad. Marco Oliveira. <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10 mar. 2024.

MIGNOLO, Walter. “Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 32. n. 94, p. 01-17, 2017a.

MIGNOLO, Walter. “Desafios decoloniais hoje”. In: *Revista Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu, n. 1 v. 1, p. 12-32, 2017b.

MORE, Thomas. *Utopia*. Trad. Maria Isabel Gonçalves Tomás. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2009.

PORTELA, Eduardo. “A cidade e a letra”. In: *Dimensões I*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1958.

PRADO, Maria Lígia. *Utopias latino-americanas: política, sociedade e cultura*. São Paulo: Contexto, 2021.

PRATA, Antônio. *Trinta e poucos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PROUDHON, Pierre Joseph. *O que é a propriedade*. Lisboa: Estampa, 1971.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder e classificação social”. In: SANTOS, B. de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

RAABE, Wilhelm. *A Crônica da Rua dos Pardais*. (Org.) Ulrike Koller. Deutschland: Reclam, 1997.

RUSHDIE, Salman. *Os filhos da meia-noite*. Trad. Donaldson Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCLIAR, Moacyr. *Histórias que os jornais não contam*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

SOUZA, Waldson et al. *Raízes do amanhã*. 8 contos afro-futuristas. Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2021.

Submissão: 21/01/2024
Aceite: 22/08/2024

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2024.e98266>

*Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.*